

APRESENTAÇÃO

Nossa revista apresenta neste número um dossiê dedicado à história da educação catarinense, uma proposta da linha “História e Historiografia da Educação”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Ele tem como objetivo divulgar e discutir o resultado de produções de pesquisadores envolvidos com a temática.

O artigo que abre o dossiê apresenta um breve estado da arte acerca da produção catarinense sobre os grupos escolares, forma escolar implantada no estado de Santa Catarina a partir de 1911, pela Reforma Orestes Guimarães. As autoras, Vera Lucia Gaspar da Silva e Gladys Mary Ghizoni Teive, constataam neste mapeamento o reduzido número de investigações sobre este objeto e assinalam grandes e significativas lacunas, como por exemplo as questões relacionadas à raça e etnia, bem como aquelas vinculadas à construção de papéis masculino e feminino na perspectiva de gênero, em seus currículos. Lacunas que, em parte, os artigos que compõem este Dossiê contribuirão para preencher.

Com efeito, no artigo “Menino não chora: as representações de corpo e gênero nos Grupos Escolares de Florianópolis (1910-1930)”, Vanderlei Machado nos brinda com uma discussão sobre as representações de corpo e gênero divulgadas na Série Graduada de Leitura Fontes, de autoria do professor catarinense Henrique da Silva Fontes. Composta de uma Cartilha e de quatro livros de leitura, um para cada série da escola graduada, tal como prescrevia a pedagogia moderna, esta Série foi introduzida em 1919, ano em que o seu autor assumiu a Inspeção e permaneceu na escola primária catarinense até a década de 1950. Partindo do pressuposto de que os livros didáticos são uma expressão operativa do currículo oficial, trata-se, sem dúvida, de um artefato de grande relevância para a discussão acerca da estreita conexão entre conhecimento, identidade de gênero e poder.

Seguindo a temática dos grupos escolares, em “Programas e métodos de ensino para a infância catarinense nas reformas educacionais de 1910 a 1913”, Solange Aparecida de Oliveira Hoeller e Gizele de Souza (UFPR) analisam os programas de ensino dos primeiros grupos escolares e das escolas isoladas catarinenses a partir da Reforma Orestes Guimarães,

especificamente os de 1911 e 1914, de modo a perscrutar as distinções entre ambos e, sobretudo, a presença dos pressupostos do método de ensino intuitivo em seu traçado, principal eixo da reforma orestiana, centrada nos postulados da pedagogia moderna.

E em “Identidade nacional em uma escola pública em área de imigração (Grupo Escolar Professor Lapagesse: 1951-1964)”, Dorval do Nascimento e Claudia Oliveira Santos Miranda, da UNESCO, investigam os processos de constituição da identidade nacional num grupo escolar situado no município de Criciúma, no sul do Estado, área de imigração italiana. A partir da análise de fotografias, jornais, livros didáticos, atas de reuniões pedagógicas e entrevistas com ex-professores, são discutidas algumas práticas de constituição da identidade nacional e do conceito de nação, notadamente as comemorações cívico-patrióticas, incorporadas ao currículo daquela instituição entre os anos de 1951 e 1964.

A discussão sobre os grupos escolares, seus saberes e práticas também preocupa Tânia Regina da Rocha Unglaub (UDESC), que no seu artigo “A prática do canto orfeônico e cerimônias cívicas na consolidação de um nacionalismo ufanista em terras catarinenses” analisa a incorporação do canto orfeônico nas escolas primárias catarinenses no período do Estado Novo, projeto liderado nacionalmente pelo maestro e compositor Villa-Lobos, e em nível estadual, pelo Inspetor Escolar João Areão. Partindo de fontes tal como fotografias, cadernos, jornais da época, entrevistas e relatórios do inspetor escolar, a pesquisadora busca, a partir do conceito de representação de Roger Chartier, compreender o alcance da inclusão da prática do canto orfeônico em cerimônias cívico-patrióticas no Estado, especificamente no que se refere ao despertar da sensibilidade patriótica e da consolidação de um “nacionalismo ufanista”.

Para além dos grupos escolares, mas ainda focando a escola de primeiras letras catarinense, “Memórias do fazer-se professor/a em escolas multisseriadas no oeste de Santa Catarina: município de Xaxim” analisa uma outra forma escolar, a escola multisseriada, a qual, mesmo com a implantação dos grupos escolares em 1911, continuou presente no sistema educacional catarinense, especialmente nos pequenos municípios e na zona rural. Seus autores, Elison Antonio Paim e André Detoni, da UNOESC, apresentam nesse texto parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla que objetivou compreender, pelas memórias de professores que atuaram em escolas multisseriadas da região, como se deu o seu “fazer-se professora”, a partir do processo colonizatório do oeste do início do século XX, período da expansão da escolarização na região. A análise aponta que, a despeito da incipiente formação destes professores, a maioria leigos, da estrutura precária destas escolas, da falta de materiais didáticos e de toda a sorte de dificuldades, estes professores construíram formas peculiares de

docência, de modo a garantir, ao menos, o aprendizado básico da leitura, da escrita e das operações matemáticas aos seus alunos.

Fechando este Dossiê, o professor Celso João Carminati, da UDESC, apresenta o artigo “Intelectuais e políticos na expansão do ensino superior catarinense na década de 1950”, no qual discute a fundação e constituição da Faculdade Catarinense de Filosofia em Florianópolis, enfatizando o envolvimento de lideranças políticas e intelectuais nesse processo, muito particularmente do professor Henrique da Silva Fontes (autor da Série Graduada Fontes, analisada no segundo artigo deste Dossiê), as quais, no seu entendimento, imbuídas de interesses variados, respondiam aos anseios e aos desafios de expansão do ensino superior no Estado e, sobretudo, ao desejo de um grupo social preocupado com a formação e trajetória de uma elite cultural, interessada em formação ao nível superior na área da Filosofia, Ciências e Letras.

O conjunto das reflexões aqui apresentadas não pretende dar conta da totalidade das pesquisas na área da história da educação em Santa Catarina, mas certamente contribuirá para próximos estudos ao suscitar outras perguntas e outros olhares acerca da educação escolar catarinense. Boa leitura!

Gladys Mary Ghizoni Teive